

As Ciências Sociais Aplicadas e a Interface com vários Saberes 2



Atena
Editora
Ano 2020

**Wendell Luiz Linhares
(Organizador)**

As Ciências Sociais Aplicadas e a Interface com vários Saberes 2



Atena
Editora
Ano 2020

**Wendell Luiz Linhares
(Organizador)**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 As ciências sociais aplicadas e a interface com vários saberes 2
 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta
 Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-979-0
 DOI 10.22533/at.ed.790202801

1. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Linhares, Wendell Luiz.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A presente obra, ao abordar as diferentes interfaces das Ciências Sociais Aplicadas, reforça uma de suas características, a qual, cada vez mais vêm ganhando destaque no campo científico, sendo ela, a interdisciplinaridade. Neste sentido, o e-book intitulado “As Ciências Sociais Aplicadas e a Interface com vários Saberes”, configura-se numa obra composta por trinta e um artigos científicos, os quais estão divididos em três eixos temáticos. No primeiro eixo intitulado “Direito, Políticas Públicas, Representações Sociais e Mídia”, é possível encontrar estudos que discutem e apresentam aspectos relacionados tanto ao direito e os procedimentos penais, quanto ao processo de constituição, aplicação e avaliação de Políticas Públicas e a construção de Representações Sociais de sujeitos a partir de veículos midiáticos específicos. No segundo eixo intitulado “Administração, Marketing e Processos”, é possível verificar estudos que discutem diversos elementos que compõem a grande área da administração e como ocorrem determinados processos numa empresa. No terceiro eixo intitulado “Educação, Práticas Pedagógicas e Epistemológicas”, é possível encontrar estudos que abordam de maneira crítica, diferentes práticas pedagógicas e epistemológicas, promovendo assim, uma reflexão histórica e social sobre o tema. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil e do exterior, por consequência, de várias áreas do conhecimento, os quais abordam assuntos relevantes, com grande contribuição no fomento da discussão e avanço dos temas supracitados.

Portanto, é com entusiasmo e grande expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(IN)SEGURANÇA JURÍDICA ANIMAL: A NECESSIDADE DE UM PROCEDIMENTO PENAL ESPECIAL PARA OS CRIMES PREVISTOS NOS ARTIGOS 29 E 32 DA LEI DE CRIMES AMBIENTAIS	
Rafael Fernandes Titan	
DOI 10.22533/at.ed.7902028011	
CAPÍTULO 2	12
"ASSÉDIO MORAL" OU LUTA DE CLASSES NO LOCAL DE TRABALHO?	
Iraldo Alberto Alves Matias	
DOI 10.22533/at.ed.7902028012	
CAPÍTULO 3	27
A CAPACITAÇÃO DA BUROCRACIA POLICIAL NO RIO DE JANEIRO E SUA INFLUÊNCIA NO MONOPÓLIO DA VIOLÊNCIA EXERCIDA PELO ESTADO	
Marcio Pereira Basilio	
DOI 10.22533/at.ed.7902028013	
CAPÍTULO 4	49
A INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS GRELHA DE ANÁLISE:TEORIA GERAL DOS SISTEMAS, NEO-INSTITUCIONALISMO E REDES POLÍTICAS	
Nilza do Rosário Prata Caeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7902028014	
CAPÍTULO 5	68
A RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE OS ATORES SOCIAIS (ORGANIZAÇÕES, ESTADO E SOCIEDADE) SOB A ÓTICA DA SOCIOLOGIA ECONÔMICA	
Fábio da Silva	
Sildácio Lima da Costa	
Fábio Paiva de Lima	
Juliana Carvalho de Sousa	
Anita Sara Cavalcante Belmino	
Maria Rejane de Souza	
Paulo Domingos da Silva Matos	
DOI 10.22533/at.ed.7902028015	
CAPÍTULO 6	75
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JOVEM NO JORNAL <i>DAQUI</i> : O PERIGO E O ENVOLVIMENTO COM DROGAS	
Gardene Leão de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.7902028016	
CAPÍTULO 7	89
AUTORIA COLETIVA E JORNALISMO INDEPENDENTE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA DO MÍDIA NINJA	
Mateus Antônio Montemezzo	

Angélica Lüersen

DOI 10.22533/at.ed.7902028017

CAPÍTULO 8 108

CURSO DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DE MULTIPLICADORES EM LOCOMOÇÃO E MOBILIDADE URBANA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

André Machado Barbosa

Marco Antônio Serra Viegas

DOI 10.22533/at.ed.7902028018

CAPÍTULO 9 115

DETECÇÃO DE MELHORIAS TECNOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DE OVOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DE AGLOMERADOS DE SÉRIES TEMPORAIS

Ana Paula Amazonas Soares

Maria Eduarda da Rocha Pinto Augusto da Silva

Eliane Aparecida Pereira de Abreu

Tales Wanderley Vital

DOI 10.22533/at.ed.7902028019

CAPÍTULO 10 130

INADEQUAÇÃO DA POLÍTICA SETORIAL DE ÁGUA E ESGOTO PARA FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

Mauro Kleiman

DOI 10.22533/at.ed.79020280110

CAPÍTULO 11 142

MIGRAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO: SOCIABILIDADE AFETADA E EXCLUSÃO SOCIAL DA FORÇA DE TRABALHO MIGRANTE EM PARAUAPEBAS-PA

Raimundo Miguel dos Reis Pereira

DOI 10.22533/at.ed.79020280111

CAPÍTULO 12 158

FORECASTING SMALL POPULATION MONTHLY FERTILITY AND MORTALITY DATA WITH SEASONAL TIME SERIES METHODS

Jorge Miguel Ventura Bravo

Edviges Isabel Felizardo Coelho

DOI 10.22533/at.ed.79020280112

CAPÍTULO 13 177

A EDUCAÇÃO MONTESSORIANA NA PERSPECTIVA ARQUITETÔNICA

Paula Scherer

Mariela Camargo Masutti

DOI 10.22533/at.ed.79020280113

CAPÍTULO 14 187

A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA NA PEDAGOGIA DE REGGIO EMILIA E SEUS IMPACTOS EDUCACIONAIS

Paula Scherer

Liamara Pasinatto

DOI 10.22533/at.ed.79020280114

CAPÍTULO 15	200
A INTERDISCIPLINARIDADE NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU BRASILEIRA - ANÁLISE DAS FICHAS DE AVALIAÇÃO DA QUADRIENAL 2017	
Adilene Gonçalves Quaresma	
DOI 10.22533/at.ed.79020280115	
CAPÍTULO 16	221
A PROPOSTA DOS AULÕES AOS JOVENS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA	
Cacau Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.79020280116	
CAPÍTULO 17	230
EDUCAÇÃO ECOSSOCIALISTA: EPISTEMOLOGIA E PRÁTICA ECOLÓGICA	
Marcelo Santos Marques Aécio Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.79020280117	
CAPÍTULO 18	242
EU TENHO MEDO DE PROFESSOR...	
Flávio Vieira de Melo Cristiane Aparecida Madureira	
DOI 10.22533/at.ed.79020280118	
CAPÍTULO 19	252
FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL NAS ÁREAS STEM NO BRASIL: AINDA TEMOS POUCO?	
Patricia Bonini Gabriel Akira Andrade Okawati Carolina Fernandes Custódio Fernanda da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.79020280119	
CAPÍTULO 20	264
PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E DIREITOS HUMANOS: UMA NECESSÁRIA CONSONÂNCIA	
Rogério Félix de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.79020280120	
CAPÍTULO 21	278
UM ESTUDO SOBRE A OFERTA DO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO SUBSEQUENTE EM PESCA DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ, CAMPUS ACARAÚ	
Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.79020280121	
SOBRE O ORGANIZADOR	287
ÍNDICE REMISSIVO	288

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JOVEM NO JORNAL *DAQUI*: O PERIGO E O ENVOLVIMENTO COM DROGAS

Data de aceite: 20/01/2020

Gardene Leão de Castro

Universidade Federal de Goiás

Goiânia - Goiás

<http://lattes.cnpq.br/2927850480430185>

RESUMO: Nesta pesquisa, a intenção é investigar as representações sociais de jovens de Goiânia sobre os discursos midiáticos hegemônicos, envolvendo a temática da criminalidade e da violência, a respeito de si. Buscou-se, em um primeiro momento, perceber como os jovens são representados no Jornal *Daqui*, veículo de maior circulação de Goiás. Após a análise das notícias, utilizando como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais, buscou-se compreender como jovens de diferentes classes sociais (alta, média e baixa), moradores de Goiânia, recebem, compreendem e (res)significam as representações midiáticas envolvendo a temática da criminalidade e violência na juventude. Percebe-se que jovens não assimilaram o conteúdo midiático sem criticá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; mídia; violência; representações sociais.

REPRESENTATIONS OF YOUNG PEOPLE IN GOIÂNIA: THE MEDIA DISCOURSES CONCERNING YOUNG PEOPLE THEMSELVES

ABSTRACT: The objective of this work is to investigate the social representations of young people in Goiânia with respect to hegemonic media discourses, involving the theme of crime and violence concerning young people themselves. We first sought to understand how young people are represented in the newspaper, *Daqui*, which is the paper with the largest circulation among the print media in Goiás. After analyzing the news, and by using as a theoretical framework, the Theory of Social Representations, we tried to understand how young people from different social classes (high, medium and low), residents of Goiânia, receive, understand and live out their media representations concerning the theme of crime and violence among youth. It was confirmed that young people did not assimilate the media content without criticizing it.

KEYWORDS: Violence; Media; Youth; Social Representations.

1 | INTRODUÇÃO

Ao atuar no plano da representação social, a mídia se consolida como formadora de opinião pública, utilizando-se de recursos discursivos para legitimar seus enunciados. Ao utilizar essas ferramentas, elaborando discursos que supostamente representariam “a verdade”, os veículos de comunicação dão espaço a representações sobre diversos atores, dentre eles, a juventude.

Atualmente, devido ao sentimento de insegurança e ao medo do crime propagado também pela mídia, as pessoas se posicionam a favor de medidas mais duras e punitivas contra jovens, como a proposta de Redução da Maioridade Penal. Por isto, inicialmente, o objetivo foi perceber como os jovens são representados no Jornal *Daqui*, veículo de maior circulação impressa em Goiás, em estudo comparativo entre 3 meses dos anos de 2010 e 2014.

Escolhi o *Daqui* por dois motivos: o primeiro é que o diário é um importante veículo formador de opinião em Goiás, possuindo, atualmente, a maior tiragem de jornais impressos do Estado e a 5ª maior tiragem de impressos no Brasil, segundo a Associação Nacional de Jornais (<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>), ficando atrás somente do *Super Notícia*, *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Para se ter um índice de comparação, em Goiás, enquanto o *Daqui* está em 5º lugar no ranking nacional o jornal *O Popular*, segundo com maior circulação do Estado, aparece em 47º lugar no ranking nacional

O segundo motivo de escolha está vinculado ao perfil editorial da publicação. Conforme anunciado na página virtual da Organização Jaime Câmara (2014), o *Daqui* é voltado para o público “C e D” da capital goiana e região metropolitana e possui uma linguagem mais “acessível” para este público, “mostrando o que de mais importante acontece de forma simples e dinâmica”. A delimitação de um perfil de leitor, que também contempla os jovens moradores das periferias de Goiânia, com idade entre 14 a 29 anos, foi também outro fator que me instigou.

Após estudar o polo da emissão do discurso midiático, através da análise das notícias sobre jovens vinculadas no *Daqui*, surge, então, a questão: como esse discurso é recebido por esses jovens? Por isto, nessa pesquisa, a intenção foi também investigar as representações sociais de jovens de Goiânia sobre os discursos midiáticos, envolvendo a temática da criminalidade e violência, a respeito de si.

2 | JUVENTUDE E VIOLÊNCIA: A REALIDADE DE GOIÁS

Segundo Souza (2010), discutir a realidade da juventude no Brasil atualmente é, no mínimo, paradoxal. Isso porque, existe, de maneira geral, um culto à juventude,

promovido pela indústria cultural e, ao mesmo tempo, a criminalização dos jovens, que são vistos como responsáveis diretos pelos altos índices de violência. Para a autora, diferentes dispositivos sociais vêm produzindo subjetividades em que o “emprego fixo”, uma “família organizada” e o poder de consumo tornam-se padrões de reconhecimento, legitimação social e aceitação de jovens na sociedade.

Ao fugir destes territórios modelares, o jovem pobre e negro entra para a legião dos que são olhados com desconfiança, sendo evitado, afastado e até mesmo exterminado. Ao não atender às expectativas do mundo adulto e do mercado de trabalho, caberá ao jovem pagar um preço alto, tornando-se, assim, “aquele que não deu certo”, pois não conseguiu atender à demanda ideal do que se espera dele (aquele que consome, trabalha, estuda etc.). Para Souza (2010), o alarde em torno do problema faz com que se esqueçam as verdadeiras causas do envolvimento dos jovens com a violência: seja como vítimas: o que representa a grande maioria dos casos, seja como autores, devido à exclusão social, à vulnerabilidade e à segregação socioespacial vivenciada principalmente no cotidiano dos grandes centros urbanos.

Em pesquisa buscando perceber as representações sociais de jovens sobre a violência em Goiás, intitulada “Imagens Cruzadas. Juventude e Representações Sociais”, Souza (2010) relata as diferentes percepções de jovens sobre sua realidade e sobre si. Foram aplicados 381 questionários para jovens entre 15 a 17 anos dos tipos elite, médio e popular. Segundo a socióloga, nessa pesquisa, mesmo se tratando de jovens localizados em diferentes estratos sociais, não houve identificação com o outro. Nas respostas, eles reforçaram afirmações preconceituosas sobre si e sobre o outro, principalmente com relação à condição social e à localização no espaço urbano.

Nas respostas coletadas, 50% concordaram que os pobres são mais propensos a cometer crimes. 92, 3% concordaram que há muitos “malas” nas periferias da cidade. Souza (2010) relata que várias outras questões foram colocadas e as respostas mantiveram o mesmo padrão, reforçando a segregação social e a visão do outro – o pobre, morador na periferia - como portador da violência urbana. Souza (2010) concluiu que a percepção da violência urbana entre os jovens entrevistados em Goiás está profundamente relacionada à segregação socioespacial na cidade.

Para contrapor os dados obtidos nos questionários com jovens e o que a sociedade pensa dos mesmos, a partir da observação das representações sociais de adultos sobre estes jovens, em *survey* de vitimização realizado em treze cidades dos Estados do Estado de Goiás, Souza (2010) relata que a redução da maioria penal foi considerada pelos respondentes como medida fundamental para aumentar a segurança. Os índices variaram entre 79,9% a 89,2%. Os jovens, como agentes criminais, nos discursos dos adultos, estão no núcleo central da representação do sentimento de insegurança.

A autora ainda relatou que a deslegitimação das instituições de controle da ordem pública leva à busca de soluções individuais para manter a segurança, o que reforça os pedidos por mais rigor e a aprovação de penas mais duras. Essas representações acabam criminalizando os moradores das periferias, gerando desejos de vingança, levando ao esvaziamento do espaço público e às soluções individuais que aumentam o medo e a violência.

A incriminação de jovens pobres em Goiás não difere dos dados apresentados em todo Brasil. Em pesquisa publicada pelo Instituto Datafolha, em janeiro de 2015, 87% dos brasileiros entrevistados manifestaram-se a favor da redução da maioria penal. Em 2005, esse número era de 84%. O índice indicando a penalização de jovens no Brasil aumenta a cada ano.

A partir dos múltiplos dados colhidos nesta pesquisa, Souza (2010) concluiu que a violência tem se tornado um problema entre os jovens, tanto como autores, como como vítimas. Esses jovens acabam sendo caracterizados como violentos, o que indica que eles serão continuarão sendo incriminados, nos termos do conceito de sujeição criminal de Misse (2008). Esses jovens serão os *outsiders*, “os outros”, os possíveis de serem mortos. Para a pesquisadora, é necessário propor uma nova abordagem de segurança pública, que não seja somente repressiva, alargando os espaços de convivência social. “Uma política que seja preventiva e voltada principalmente para os jovens, as principais vítimas” (SOUZA, 2010, p.81).

Frattari (2011) afirma que o medo da criminalidade contribui para a construção de um “agente produtor da violência”, com a consequente exclusão dos indivíduos que se aproximam dessa imagem, favorecendo um estigma sobre os espaços de habitação popular, em especial aos jovens e adolescentes que ali residem.

Na pesquisa apresentada por Frattari (2011), a imagem do criminoso é de um jovem do sexo masculino, tatuado, com *piercings* e cabelos coloridos. Segundo a autora, esse retrato geralmente é associado ao jovem pobre das periferias, principal alvo das acusações criminais. “A imagem caricatural e preconceituosa é definida como uma imagem comum, ‘clássica’, algo que está disseminado no imaginário coletivo, algo que todo mundo sabe, ou acredita saber” (FRATTARI, 2011, p.98).

Portanto, para a pesquisadora, há a construção de uma representação social que vincula a imagem do jovem pobre como criminoso ou violento. A consequência desta representação é a adoção de medidas punitivas contra estes jovens pobres, como o uso abusivo da força policial. Segundo ela, este cenário naturaliza as ações violentas da polícia, o sentimento de vingança, o desejo da pena de morte e a defesa da redução da maioria penal.

Frattari (2011) afirma que uma representação recorrente nas entrevistas realizadas com membros da elite de Goiânia consiste na percepção de que a periferia seria responsável por formar assaltantes, marginais e delinquentes que agiriam nos

bairros de maior visibilidade social. Esta percepção faz com que surjam demandas por maior atuação da polícia para impedir que os jovens moradores das periferias circulem pela cidade.

“O medo da criminalidade urbana passa a justificar a reivindicação de aumento na severidade das penas, surgindo, assim, demandas crescentes por punição violenta, execuções, ‘limpeza dos espaços urbanos’”. (FRATTARI, 2011, p.105). A consequência desta representação sobre os jovens pobres é a aprovação de soluções que incluem até mesmo a grande quantidade de morte, fundamentas em discursos pautados na desumanização do criminoso e na sua ‘natureza violenta’, em contraposição ao caráter do ‘cidadão de bem’.

Segundo a autora, na cidade de Goiânia, na maioria das narrativas dos membros da elite, os jovens pobres constituem personagens centrais da violência e principal alvo de medidas repressivas. Concebidos como indivíduos incompletos, em formação, eles estariam mais suscetíveis a cometer crimes. Assim, é sempre lembrada a questão da redução da maioridade penal, percebida fundamental para a redução da violência.

Faria (2007) realizou um estudo buscando apreender em que medida a violência, enquanto representação social, influencia o cotidiano de jovens goianienses em seus padrões de interações e como eles percebem a si, aos outros e este fenômeno. Segundo a autora, a violência encontra-se entre os maiores temores apontados pelos jovens goianienses de todas as posições sociais. Ela explica que os jovens da posição média e superior definem o fenômeno através da violência física, emocional e simbólica. Já na posição inferior, a definição se dá basicamente no nível da agressão física.

Neste estudo, a autora percebe que a homogeneidade desse discurso demonstra que os jovens goianienses recorrem a um sistema de interpretação de realidade já dado, ou seja, a representação social já existente para explicar o fenômeno da violência urbana.

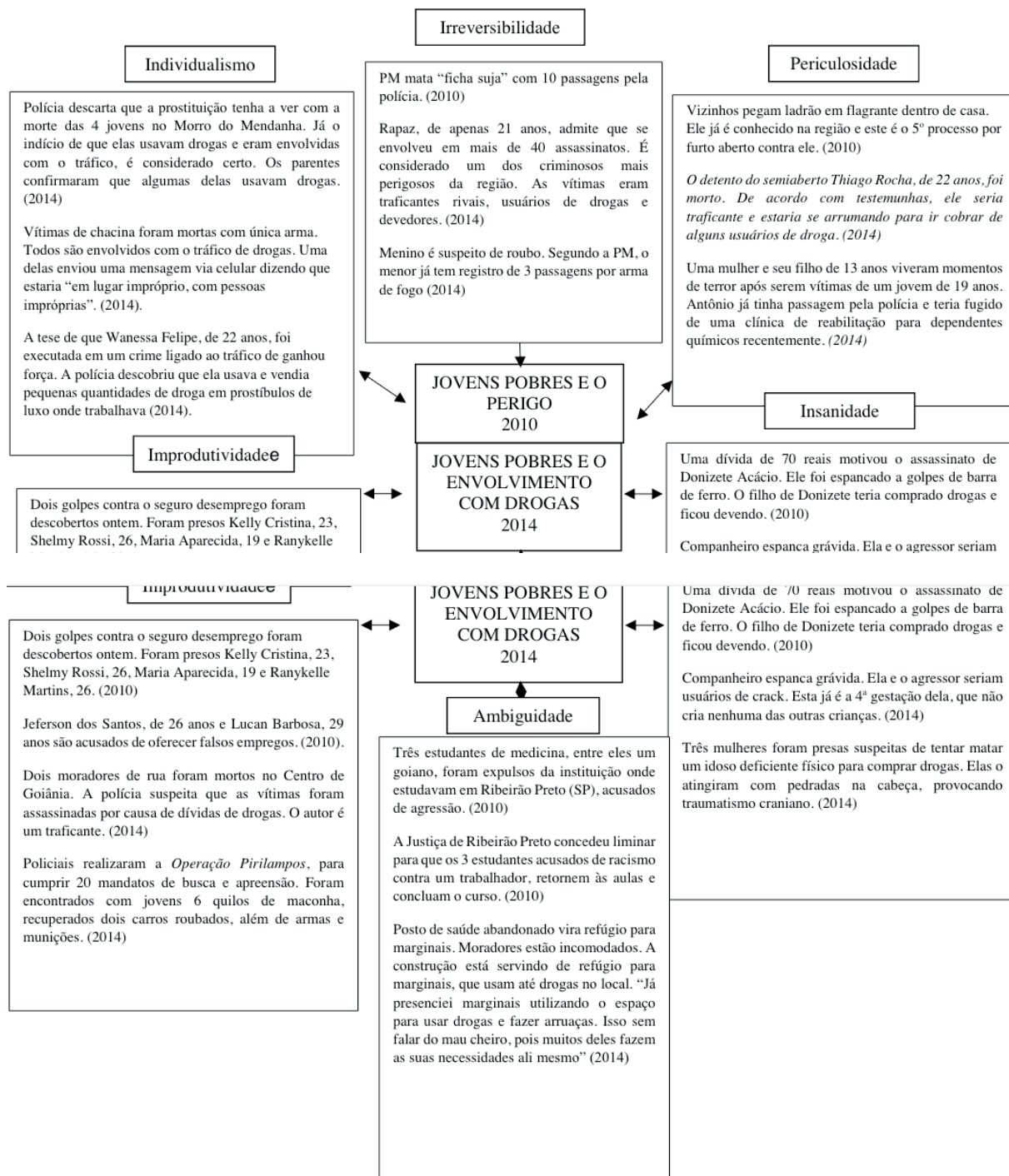
Segundo Porto (2010), no contexto da produção midiática, importa entender as representações sobre o caráter crescente da violência, que ganham a forma de um clamor por segurança, entendida como sinônimo de um conjunto de medidas de ordem estatal que reduzam esta violência.

Percebe-se, portanto, que há uma representação em que o jovem pobre, negro, morador das periferias urbanas é estigmatizado pela mídia e pelas diversas instituições como violento e perigoso, demandando medidas cada vez mais severas e punitivas contra os mesmos. Segundo Soares (2004), o jovem pobre, negro, caminhando nas ruas, é um ser socialmente invisível. Cassab (2001) também alerta para a consequência das representações sobre uma juventude violenta, através do crescente quadro de exclusão simbólica e social dos jovens pobres.

3 | AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS SEGUNDO O JORNAL *DAQUI* (2010 E 2014)

O objetivo desta análise foi perceber como os jovens são representados no Jornal *Daqui*. O *Daqui* é um jornal diário, de formato tabloide, publicado desde 2007 e distribuído pela Organização Jaime Câmara, com circulação em Goiânia/GO e região metropolitana. O periódico é conhecido por trazer uma abordagem sensacionalista e popularesca dos fatos, por suas promoções de troca de selos por brindes e pelo seu baixo custo (R\$1,00). Graças a esta fórmula, ele se tornou o jornal mais vendido em Goiás, superando todos os seus concorrentes. Conforme já anunciado, o *Daqui* possui atualmente a maior tiragem de jornais impressos do Estado e a 5ª maior tiragem de impressos no Brasil, segundo a Associação Nacional de Jornais. Enquanto o *Daqui* está em 5º lugar no ranking nacional, com tiragem de 15.3049 exemplares, o jornal *O Popular*, segundo com maior circulação do Estado, aparece em 47º lugar no ranking nacional, com tiragem de 17.685 exemplares (19,4% do total de exemplares do *Daqui*). As análises sobre a configuração visual, editoriais e linguagem do *Daqui* estão presentes na dissertação intitulada “O discurso da criminalização da juventude no Jornal *Daqui*” (MENDES, 2011).

Para isso, foram analisadas as edições entre os meses de fevereiro, março e abril de 2010 e abril, maio e junho de 2014. O filtro para a seleção das notícias foi a temática da violência, envolvendo jovens de 14 a 29 anos, seja como vítimas ou como autores de crimes. Em 2010, foram encontradas 78 edições durante os 3 meses, sendo selecionadas 182 notas e notícias sobre jovens envolvidos em ações violentas ou criminosas. Dessas, 60 chamadas tiveram destaque nas capas do *Daqui*. Em 2014, foram encontrados 74 números durante 3 meses, sendo selecionadas 176 notas e notícias com a mesma temática, com 70 destaque nas capas. Como é possível perceber, nos anos de 2010 e 2014, não houve um aumento significativo no número de matérias sobre violência, envolvendo jovens de 14 a 29 anos, seja como vítimas ou como autores de crimes. A frequência continuou a mesma: aproximadamente 3 notícias por dia, com pelo menos uma chamada de capa em destaque por edição. Esse número é considerado expressivo para um jornal como o *Daqui*, visto que a editoria Geral, em que são divulgados os acontecimentos ligados aos crimes ocorridos em Goiânia e região metropolitana, possui entre 8 a 10 páginas. Como as fotografias e gráficos ocupam um espaço considerável das páginas do jornal, essas notícias acabam recebendo destaque, tanto na editoria, como nas chamadas de capa, o que direciona o olhar do leitor. Abaixo, segue quadro comparativo resumido com as representações sociais no Jornal *Daqui* sobre os jovens em 2010 e 2014:



(Fonte: elaboração da autora)

Pode-se perceber que, desde 2010, o *Daqui* fez uma forte ligação entre juventude, pobreza e o perigo. Em 2014, o núcleo central dessa representação foi deslocado, no discurso do diário, para a explicação do aumento da violência como consequência do envolvimento de jovens com o uso e com tráfico de drogas. Portanto, notou-se que os aspectos mais espetaculares e marginais de uma suposta "cultura juvenil" foram os pontos de vista que interessaram ao *Daqui*. Nos seus enunciados, foram utilizadas estratégias discursivas por meio da nomeação de jovens com adjetivos que os criminalizaram, nos termos do conceito de sujeição criminal, de Misse (2008). Esses jovens são os matáveis, os possíveis de serem mortos, como

discute Agamben (2007), pois estão à margem da sociedade e não farão falta.

Os jovens que cometem crimes receberam uma penalização antecipada no discurso jornalístico do *Daqui*, já que em grande parte dos casos ainda não foram condenados em sentença judicial quando são publicados como notícia. Ao vincular os termos “adolescente” e “jovem” ao termo “bandido”, os mesmos se inscrevem em um discurso ancorado socialmente que os condena, alimentando o mito da periculosidade, e caracterizando-os como sujeitos criminais.

A idade dos personagens divulgados nas matérias apareceu somente quando se quis identificar o jovem e o adolescente apontados como “menor”. Ao vincular o termo “jovem” e “adolescente” como sinônimo de “bandido” e “menor”, o discurso ancorou o reforço à defesa da redução da maioridade penal, que já está objetivado em demandas por penas mais duras contra os adolescentes e jovens, visto que, conforme já apontado, aproximadamente 80% da população do país é a favor da medida.

Nas notícias, a recuperação do jovem infrator se mostrou como impossível, vinculando sua ação criminal como inerente à sua trajetória de vida. Segundo Misse (2010), as representações de “periculosidade”, de “irrecuperabilidade” e de “crueldade” participam de processos de subjetivação que conduzem à justificação da grande quantidade de morte do sujeito criminal, tornando sua tentativa de “sair do mundo do crime” inverossímil, a ponto de exigir praticamente um processo de conversão de tipo religioso.

Houve, ainda, no diário, a vinculação da imagem do jovem, principalmente do usuário de drogas, com a ideia da insanidade e da loucura. A dependência química foi ancorada à ideia de doença mental, sendo reforçada no imaginário da população pela cobertura midiática através da justificativa do avanço do crack, que explica o suposto aumento da violência em Goiânia e região metropolitana nos últimos anos. O jovem também foi considerado improdutivo, referindo-se aos aspectos econômicos e educativos de suas trajetórias de vida. Esses sujeitos não seriam capazes de produzir e consumir tanto quanto os demais, dentro do que é esperado no sistema capitalista.

Na dimensão do individualismo, foi possível perceber que o discurso do *Daqui* percebeu a violência enquanto um problema exclusivo do indivíduo. Também foi identificado, no texto jornalístico, uma representação na qual predominou a ambiguidade em relação ao jovem que comete atos infracionais. Houve uma heterogeneidade na produção de sentidos, a partir da representação dos sujeitos, na qual o jovem de classes alta e média receberam um tratamento diferenciado do jovem das camadas populares, retratado, inversamente, a partir da perspectiva da violência, do medo e do perigo.

Nas notícias do jornal *Daqui*, a única fonte para relatar os crimes envolvendo

jovens foi a polícia. Por meio destas representações sobre os moradores das periferias de Goiânia e entorno, não sobraram outras possibilidades de interpretação para o público leitor, o que contribui para a ancoragem do estereótipo do sujeito criminal e do jovem perigoso. Ao não aprofundar a discussão sobre a realidade das periferias de Goiânia e entorno, estes lugares são separados dos processos de exclusão social que lhes deram origem, sendo caracterizados somente a partir da violência.

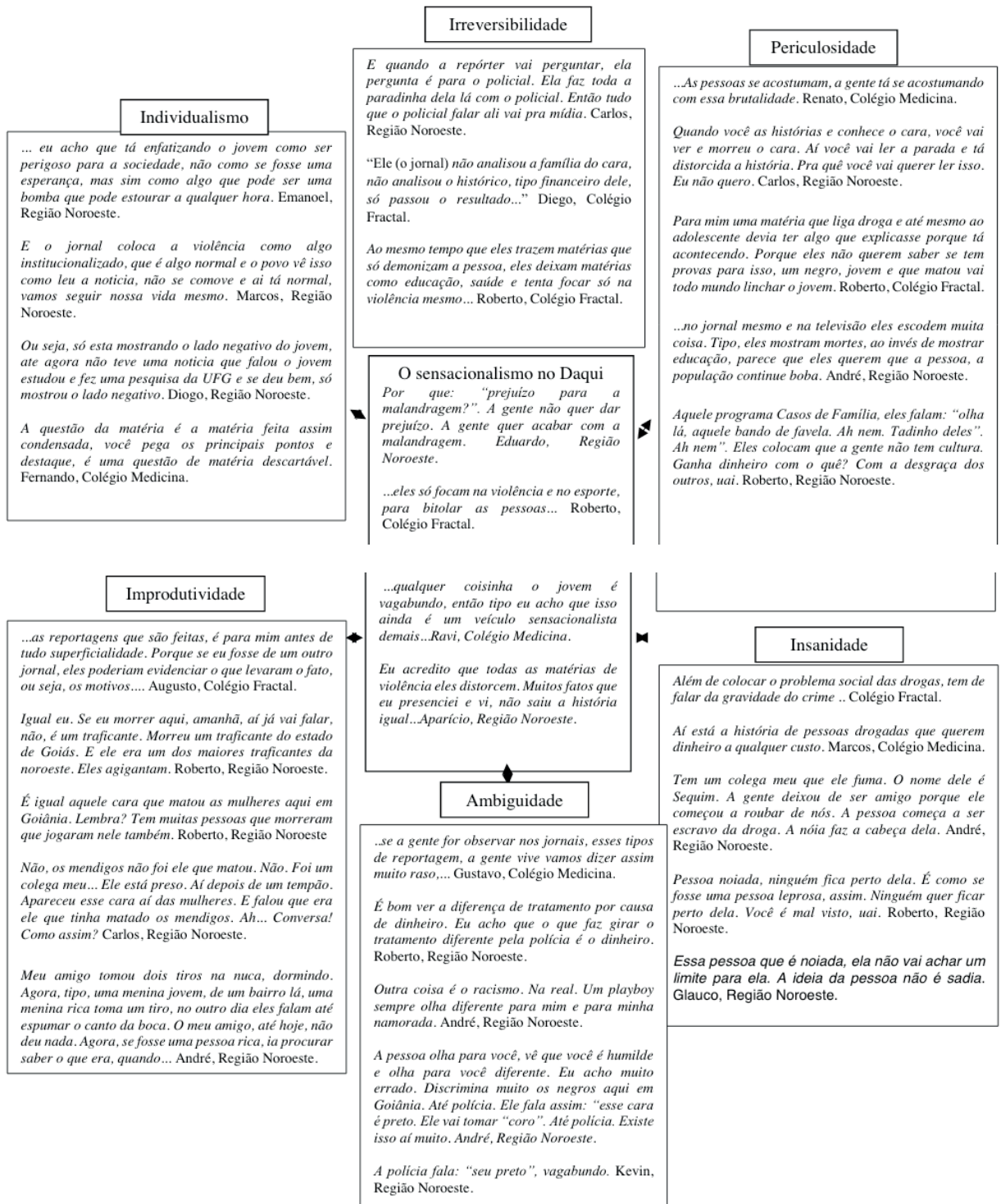
Essa ancoragem feita pela mídia, especialmente pelo *Daqui*, contribui para uma segregação espacial ainda maior na cidade, pois ao aumentar o sentimento de insegurança, leva os ricos a se trancarem em condomínios luxuosos e os pobres serem “empurrados” cada vez mais para as regiões periféricas. Aumentam-se as demandas por segurança privada e por medidas cada vez mais duras contra adolescentes e jovens, como a redução da maioria penal. Vive-se, cada vez mais, um ciclo vicioso no qual a violência gera mais violência e a exclusão é potencializada para adolescentes e jovens das regiões periféricas.

As representações sociais do jovem perigoso e violento propagadas pelo *Daqui* passam a fazer parte do imaginário da sociedade, sendo amplamente difundidas pelas várias instituições. Moscovici (2012) reforça o quanto as representações sociais podem influenciar e motivar os comportamentos de um sujeito e de uma coletividade. Uma vez criadas socialmente e pelos indivíduos, elas adquirem uma vida própria. Ao mesmo tempo em que se movem, as representações sociais podem construir obstáculos, erigindo fronteiras imaginárias, que são, muitas vezes mais resistentes que as fortalezas físicas. As consequências, em alguns casos, são as construções de estigmas e estereótipos que não condizem com a realidade, como no caso da estereotipia do jovem pobre, perigoso, violento e criminoso.

4 | A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS SOBRE O JORNAL DAQUI

Após a análise das notícias do Jornal *Daqui* em 2010 e 2014, utilizando como referencial teórico as Representações Sociais, buscou-se compreender como jovens de diferentes classes sociais (alta, média e baixa), moradores de Goiânia, recebem, compreendem e (res)significam as representações midiáticas envolvendo a temática da criminalidade, violência e juventude, analisando especificamente as matérias publicadas no Jornal *Daqui* em 2010 e 2014. Os jovens dos três estratos sociais (Colégio Medicina, Colégio Fractal e Região Noroeste) afirmaram que periódico é sensacionalista, violento, com notícias superficiais, subestimando a capacidade de interpretação de seu público leitor. A diferença de interpretação entre os três estratos sociais se deu principalmente com relação aos jovens de classe baixa, moradores da região noroeste de Goiânia, já que, além de criticar o texto jornalístico, eles deram

exemplos de casos reais que aconteceram próximos a eles e que foram deturpados nas notícias publicadas pelos veículos de comunicação. Como é possível verificar no quadro representacional abaixo:



(fonte: elaboração da autora)

A diferença de interpretação entre os três estratos sociais se deu principalmente com relação aos jovens de classe baixa, moradores da região noroeste de Goiânia, já que, além de criticar o texto jornalístico, eles deram exemplos de casos reais que aconteceram próximos a eles e que foram deturpados nas notícias publicadas pelos veículos de comunicação.

Os jovens da região noroeste de Goiânia apontaram várias situações vividas em seu cotidiano em que foram vítimas da violência, principalmente da violência policial, sofrendo vários tipos de agressões físicas e simbólicas, denunciando torturas e abusos. Criticaram a forma como a mídia retrata sua realidade, especialmente o Jornal *Daqui*, afirmando que ela instiga o medo no público leitor.

Diferentemente do processo de incriminação do jovem das periferias presente nos textos do jornal *Daqui*, os jovens dos três estratos sociais questionaram os motivos que levam um jovem a cometer crimes. Os participantes dos grupos focais não assimilaram o conteúdo midiático sem criticá-lo, em um processo de subjetivação. Eles apontaram a falta de contextualização da notícia em relação às questões de desigualdade social e a ausência de matérias que tratam de outros temas, além da violência. Os jovens de Goiânia, participantes dessa pesquisa, não se sentem bandidos, isso é, a transgressão não é atributo inerente a si mesmos. Eles não se sentem como pessoas que teriam determinadas características que compõem um grupo social com caráter considerado propenso a cometer crimes.

A maioria dos participantes dos grupos focais se colocou contra a redução da maioridade penal, visto que, para eles, não há possibilidade de recuperação no sistema carcerário brasileiro. Além disso, apontaram que menos de 10% dos crimes são cometidos pelos jovens. Outra crítica foi a alta lucratividade das indústrias de segurança, alimentadas pelo medo e o sentimento de insegurança, demandando o aumento da criação de dispositivos de vigilância e controle.

Com relação às categorias insanidade e individualismo, paradoxalmente, os jovens assimilaram, em partes, o discurso jornalístico, concordando que os usuários ou traficantes de drogas estão “perdidos. Outro tema que emergiu a partir da leitura da notícia foi a discussão sobre a legalização das drogas no Brasil. Durante a realização do grupo focal, os jovens dos três estratos sociais, em sua maioria, se posicionaram como favoráveis à legalização das drogas.

Os jovens apontaram que há um preconceito da mídia com relação ao jovem morador das periferias urbanas, visto que, segundo eles, os casos que envolvem pessoas de classe média e alta, divulgados pelo periódico, recebem outro tipo de divulgação. Com relação à vinculação do aumento da violência em decorrência do uso ou tráfico de drogas, os jovens afirmaram que vários crimes não solucionados pela polícia acabam entrando na estatística do uso ou tráfico. Os moradores da região noroeste citaram exemplos de casos reais em que conheciam as pessoas envolvidas em situação de violência que não estavam diretamente ligadas ao uso ou tráfico, mas acabaram sendo identificadas no texto jornalístico como vinculadas a tal questão. Algumas falas dos jovens ilustram o posicionamento deles diante do conteúdo midiático apresentado nos grupos focais:

Você está perguntando o que a gente acha. Além de ser muito resumida, é

tipo um deboche. Por que: “prejuízo para a malandragem?”. A gente não quer dar prejuízo. A gente quer acabar com a malandragem. Então por que eles colocam prejuízo? Tipo assim, é uma coisa meio que desinformada. Não é o correto. Eduardo, Região Noroeste.

...se você pegar um jornal desse e retratar a gente, se você é jovem, não trabalha e tá estudando, se você não tá trabalhando, você é vagabundo, porque antigamente eles trabalharam e estudaram, aí qualquer coisinha o jovem vagabundo, não sei o que, então tipo eu acho que isso ainda é um veículo sensacionalista demais... Ravi, Colégio Medicina.

Eu acredito que todas as matérias de violência eles distorcem. Porque eles querem colocar como mais pesado. Muitos fatos que eu presenciei e vi, não saiu a história igual. Aparício, Região Noroeste.

Teve um caso de um assassinato que teve lá. Foram três pessoas. Aí só uma tinha envolvimento. Aí eles colocaram como se todo mundo tivesse envolvimento com drogas. Aparício, Região Noroeste.

Teve também um amigo meu lá no Finsocial que morreu. Eles falaram que era tráfico de drogas. Tráfico de drogas pesado. Mas não era [...]. André, Região Noroeste.

Ele (Daqui) cumpre o papel dele de informar o resultado, mas ele se esquece do papel que levou o jovem a fazer isso, porque ali não analisou a família do cara, não analisou o histórico, tipo financeiro dele, o que ele passou, o cara do tráfico de drogas, só passou o resultado, o cara se envolveu com tráfico de drogas, só mostrou o resultado. Diogo, Colégio Fractal.

Ao mesmo tempo que eles trazem matérias que só demonizam a pessoa, é algo que poderia ser necessário às pessoas, eles deixam matérias como educação, saúde e tenta focar só na violência mesmo, é algo que vem demais no Brasil. Roberto, Colégio Fractal.

Esse negócio que eles falam toda vez: “as investigações da polícia civil”. Você já viu como é que é uma investigação da polícia civil? O que eles fazem? Nossa! Meu irmão teve tráfico, um monte de coisa. E eles torturam a pessoa. Mesmo se eu não estou envolvido, eu praticamente tenho que falar que eu estou envolvido. Porque não tem como. Eles, tipo, afogam, fazem um monte de coisa, tipo: foi naquela casa; tem que ser ali. Se não foi ali... Aquela pessoa vai sumir. Vai sumir! Não tem como você falar o contrário. Carlos, Região Noroeste.

E quando a repórter vai perguntar, ela pergunta é para o policial. Ela faz toda a paradinha dela lá com o policial. Então tudo que o policial falar ali vai pra mídia. Carlos, Região Noroeste.

Quando eu vejo uma coisa assim eu não sei para que o jornal serve muito bem. Ali só fala sobre o cara, que ele tem não sei quantos assassinatos. Fala dele,

essa coluna aí fala inteiramente dele. O jornal Daqui é um jornal para sair somente o lado ruim? Não tem cultura. É futebol, putariagem e cultura fica nada. A gente não tem cultura, a gente quer cultura. Só tem crime, futebol e tudo mais. Só isso. O único esporte é futebol. Não tem mais nenhum tipo de esporte. Mais nada. Eduardo, Região Noroeste.

Quem tem acesso à informação é a mídia, quem controla a grande mídia? São as grandes indústrias, quem tem muito dinheiro, então vamos tirar a população desse controle, só pra ter acesso à informação, claro que não. Diogo, Colégio Fractal.

Meu amigo tomou dois tiros na nuca, dormindo. Abafaram o caso dele e ninguém ficou sabendo de nada. Se foi polícia. Agora, tipo, uma menina jovem, de um bairro lá, uma menina rica toma um tiro, no outro dia eles falam até espumar o canto da boca. O meu amigo, até hoje, não deu nada. Agora, se fosse uma pessoa rica, ia procurar saber o que era, quando... André, Região Noroeste.

A representatividade nossa em relação aos jovens, em relação a violência eu acho que tá enfatizando o jovem como ser perigoso para a sociedade, não como se fosse uma esperança, mas sim como algo que pode ser uma bomba que pode estourar a qualquer hora. Emanuel, Região Noroeste.

Eu vou te explicar uma coisa: no jornal mesmo e na televisão eles escodem muita coisa. Tipo, eles mostram mortes, ao invés de mostrar educação, parece que eles querem que a pessoa, a população continue boba. Pra não saber o que que faz para melhorar o país, sabe. É isso que eles querem. Quando eles veem na mídia que uma pessoa que vai para a escola, faz doutorado e morre eles ficam abismados. Mas quando é uma pessoa da periferia, eles falam: não, isso é normal. O que manda é o dinheiro. André, Região Noroeste.

Aquele programa Casos de Família, eles falam: “olha lá, aquele bando de favela. Ah nem. Tadinho deles”. Ah nem”. Eles colocam que a gente não tem cultura. Aí eles vão falar, tipo, de mãe que bate no filho, filho que bate em mãe. Dá mídia para eles. Por quê? Ganha dinheiro com o quê? Com a desgraça dos outros, uai. Roberto, Região Noroeste.

Portanto, é possível perceber que os jovens de classe alta, média e baixa de Goiânia (Colégio Medicina, Colégio Fractal e Região Noroeste) possuem uma visão crítica sobre a cobertura midiática sobre juventude, violência e criminalidade. Apesar de vivenciar a violência de formas distintas em suas comunidades, eles são unânimes ao afirmar que a mídia não é imparcial ou neutra ao retratar o seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer**. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CASSAB, M. A. T. **Jovens pobres e o futuro**: a construção da subjetividade na instabilidade e

incerteza. Niterói: Intertexto, 2001.

FARIA, M. **Representações sociais da violência na juventude goianiense**. Goiânia: UFG, 2007. Dissertação (Pós-Graduação em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

FRATTARI, N. Discursos e representações do medo da violência na cidade de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). **Violência urbana em Goiás**. Práticas e Representações. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p.79-113.

_____. Sentimento de Insegurança na Cidade de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). **Violência urbana em Goiás**. Práticas e Representações. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p.31-51.

MISSE, M. **Crime, sujeito e sujeição criminal**: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". Lua Nova, São Paulo, 2010.

_____. Sobre a construção social do crime no Brasil: esboço de uma interpretação. **Acusados & Acusadores** - Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PORTO, M. S. G. **Sociologia da Violência**. Do conceito às representações. Brasília: Verbana Editora, 2010.

SOARES, Luiz E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, D. Juventude e violência: do conhecimento empírico às representações sociais. In: **Sociologia e Educação em Direitos Humanos**. Oliveira, D; FREITAS; R. TOSTA, T. (Orgs). Goiânia: UFG/FUNAPE, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 132, 185, 269, 270, 275
Aglomerados 115, 116, 120, 121, 123
Aglomerados hierárquicos de séries temporais 116
Água e esgoto 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140
Áreas mais precárias 130, 133, 137
Arquitetura 53, 54, 177, 178, 179, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 195, 197, 198, 262
Assédio moral 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 23, 24, 26
Atores sociais 68, 69, 70, 73, 109, 151, 266
Avaliação 1, 36, 52, 53, 54, 60, 65, 105, 132, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 265, 266, 269, 273, 274
Avicultura de postura 115, 116, 117, 118, 119, 120, 129

B

Backtesting 158, 159, 161, 165, 166, 167, 173, 175

C

Cidadania 90, 107, 108, 114, 222, 229, 266, 270, 272, 273, 274, 275
Coerção social 69
Coesão 69
Coletivos fotográficos 89, 90, 97, 98, 100, 103
Complexidade 27, 28, 29, 39, 45, 56, 72, 213, 230, 234, 235, 237, 238, 239, 241
Comunicação alternativa 89

D

Desterritorialização 142, 143, 148
Direitos 2, 4, 6, 9, 10, 23, 38, 45, 47, 71, 72, 88, 91, 103, 108, 111, 113, 221, 227, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276

E

Economia ecológica 230, 231, 232, 233, 240
Educação 36, 37, 39, 62, 86, 87, 88, 108, 111, 113, 114, 156, 177, 178, 179, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 250, 251, 254, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 278, 280, 281, 285
Educação ecológica 230, 233, 234
Ergonomia 177, 178, 185
Exclusão 20, 21, 64, 77, 78, 79, 83, 142, 143, 148, 156, 221, 223, 228, 237

F

Favelas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Força de trabalho 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 234, 252, 253, 256, 257, 258, 260

Formação policial 27, 28, 36, 46, 47

Fotografia 89, 90, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

I

Interdisciplinaridade 200, 201, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 224

J

Jornalismo independente 89, 91, 92

Juventude 24, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 83, 87, 88

L

Luta de classes 12, 17, 23

M

Mídia 71, 75, 76, 79, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 268

Mídia ninja 89, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Migração 142, 143, 144, 145, 147, 154, 156

P

Percepção do ambiente 177, 187

Polícia 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 47, 78, 79, 83, 85, 86, 87, 104

Política pública 27, 29, 30, 47, 52, 53, 55, 64, 246

Política setorial 130, 133

Políticas públicas 29, 31, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 112, 114, 115, 116, 118, 128, 174, 227, 278, 279, 280, 285

Pós-graduação stricto sensu 200, 201, 219

Projeções de população 158, 159

R

Reggio emilia 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Representações sociais 75, 76, 77, 80, 83, 88, 198

Rio de Janeiro 10, 26, 27, 28, 29, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 73, 74, 88, 107, 108, 114, 124, 130, 131, 133, 149, 155, 156, 219, 240, 241, 251

S

Sarima 158, 159, 162, 163, 169, 171, 172, 173

Sazonalidade 121, 123, 124, 126, 127, 158, 159

Segurança pública 27, 28, 29, 30, 31, 32, 42, 45, 46, 47, 78, 134, 175

Sistema do capital 230, 231, 232, 234, 238, 240

Sociabilidade 133, 142, 143, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 230, 234, 239, 270

Sociologia do trabalho 12

Sociologia econômica 68, 69, 70, 71, 73, 74

State space models 162

T

Transdisciplinaridade 220, 230, 237, 241

V

Violência 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 34, 37, 45, 55, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 101, 104, 221, 266, 267, 268, 272, 275

 **Atena**
Editora

2 0 2 0